

As diferentes formas de identificações na festa da Czarina em Marechal Candido Rondon

Mauro Cezar Vaz de Camargo Junior

Aluno do programa de pós-graduação em História da

Universidade do Estado de Santa Catarina

vaz_camargo@yahoo.com.br

Este artigo é resultante de uma pesquisa realizada por mim no ano de 2006, um trabalho acadêmico que possui uma importância pessoal muito grande, por ter sido minha primeira experiência no desenvolvimento de pesquisa, cometendo meus erros e podendo corrigi-los, experimentando metodologias e tomando contato com diversas fontes.

Essa foi à ocasião onde também tive oportunidade de ter um contato inicial com a história oral, uma opção feita por acreditar que para chegar fundo em um debate sobre o recorte escolhido, nenhum método teria a mesma desenvoltura, dando voz a uma comunidade afastada dos centros e suas manifestações.

Ao pensar um trabalho para este evento me agradou muito a idéia de revisitar este debate e minhas próprias memórias, revendo minhas escolhas e ações daquele momento, e trazendo a luz do debate recorte tão importante para minha formação como profissional de história

A pesquisa foi desenvolvida em Marechal Candido Rondon, localizada no oeste do Paraná na divisa com o Paraguai, nas margens do rio Paraná onde se tem o agronegócio, em especial o plantio de soja como fonte principal da economia. Uma cidade que possui 50 anos e aproximadamente 45 mil habitantes

Cheguei à cidade em 2005 para freqüentar a universidade, em um primeiro momento quando me preparava para mudar para lá, me chamou muito atenção os traços

da cidade que remetiam ao estereótipo que para mim era uma cultura germânica, reforçado num primeiro momento pelas casas em estilo enxaimel constante em fotos e postais, decoração da cidade, e as próprias piadas com o fato de ter me mudado para uma cidade de alemães somada a própria propaganda municipal. Não foi difícil minimamente comprar a idéia difundida nos materiais oficiais da cidade “cidade mais germânica do Paraná”.

Ao viver e conviver com a cidade, essa idéia foi rapidamente se “quebrando”, pelo grupo de convívio, pela dificuldade de se manter esse cenário, visto a diversidade da cidade que insistem em não se calar, seja forma das construções que mesmo com os descontos de impostos não constroem um “simulacro da vila germânica”. Diversidade visível nas manifestações da própria população, pelos comentários e chacotas de moradores e colegas de curso.

A temática me chamava atenção e assim que tive oportunidade entrei em um projeto que fazia a discussão sobre a cidade e posteriormente, nos debates feitos dentro e da universidade tomei contato com alguns trabalhos que debatiam essa questão, de como esta imagem foi se construindo num processo recente, que tem como seu grande marco o projeto de caracterização turística.

Um dos objetivos deste projeto, que ficou conhecido inclusive como projeto de germanização, foi de desenvolver um calendário turístico na cidade para o ano inteiro visto que tal atividade vinha se desenvolvendo nas temporadas de verão no distrito de Porto Mendes, onde havia se construído no início da década de 1980 uma praia artificial nas margens do rio Paraná, que teve seu fluxo modificado pela construção da barragem de Itaipu.

A caracterização turística do centro da cidade remetia diretamente ao turismo étnico, o projeto foi montado e pensado com base no processo ocorrido anteriormente na cidade de Blumenau em Santa Catarina, e tinha três pontos como base para seu desenvolvimento, a construção de casas em estilo enxaimel, o planejamento de uma festa para divulgação da cidade, no caso a Oktoberfest, e o incentivo a grupos de dança alemã.

A afirmação da germanidade remetia a corrente migratória anterior a década de 1960, onde um estimativa oficial dizia que a população que parte da idéia de vazio demográfico ignorando o fato da região ser uma área de fronteira e durante um bom

tempo ter abrigado um porto nas margens do rio Paraná antes da ocupação, apresentando os seguintes números sobre as famílias que teriam ocupado o município: 95% alemãs, 5% italianas e 6 famílias luso-brasileiras¹, dados que ignoram a presença das demais etnias na região

Esse projeto foi aprovado em 1987, mas não sem causar muita discussão, a escolha de uma etnia para representar a imagem da cidade, representa também a exclusão das demais. Nos debates uma constante discussão é sobre este tema, e a alegação de um racismo, rebatido sempre pela alegação de uma tentativa de construção de um mote turístico que seja lucrativo para o município.

A questão da germanidade aparece como um resgate das tradições, sempre associada a retórica da perda, da descontinuidade muito bem discutida por José Reginaldo Gonçalves

Em nome da nação, de um grupo étnico ou de qualquer categoria coletiva, esses intelectuais, por meio de políticas de estado, reapropriam-se de múltiplos e heterogêneos objetos e os recontextualizam sob os rótulos de patrimônio cultural, civilização, tradição, identidade e outros, eles produzem os valores que supostamente, estão em processo de declínio e desaparecimento. A despeito de sua condição fragmentaria, esses valores expressariam uma condição de totalidade integridade e continuidade (Gonçalves,2002)

Um discurso que incentiva a criação de símbolos e marcos para que não se “esqueça das raízes”, que vem na esteira da globalização, da aceleração do tempo e o encurtamento das distâncias proporcionado pelo avanço tecnológico

Uma hipertrofia do presente que na descrição de Hartog é aquele “que tem a pretensão de ser seu próprio horizonte: sem passado e sem futuro, a gerar seu próprio passado e futuro” (HARTOG,2003,p.5), a sociedade parte em busca de marcos que se encarreguem de ser um alicerce.

Associada a uma resistência ao encurtamento das distâncias e da imaginada homogeneização dos costumes propiciada por ela, como afirma Antonio Firmino da

Projeto de caracterização turística APUD, Marcos Stein Nestor. **A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1948-1996)**. Florianópolis, 2000. 183 f. dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, P.82.

Costa, “as identidades culturais diferentes, específicas, fragmentadas, ou mesmo marcadamente particularistas em vez de se esbaterem ou desintegrarem tendem a proliferar-se, a multiplicar-se e a acentuar-se” (Costa,2002).

Meu estudo focou em um processo que esta associado a este movimento global, um processo que ocorreu na municipalidade anteriormente descrita em paralelo as mudanças do centro, que mais me soava em um primeiro momento como uma resposta a ele, o processo escolhido foi a proliferação de festas gastronômicas e de mote étnico na cidade.

Eventos em paralelo ou em substituição das festas de paróquia, festas da colheita, que se reformulam e passam a ser oficializada nos anos de 1990, que ocorrem nas comunidades distritais como a festa do Matambre, do distrito de Bom Jardim, a festa do Búfalo, de São Roque, a festa da Czarina, da comunidade de Campos Sales, do distrito de Margarida, entre outras.

Festa com um “formato” muito parecido com o evento gastronômico do centro, o boi no rolete, evento que comemora a emancipação política da cidade e que pouco tem a ver com a imagem germânica da cidade, um evento onde são assados bois inteiros um para cada ano que o município completa.

Segundo o secretário de assuntos comunitários de Marechal Cândido Rondon em 2006, a festa do Boi no Rolete surgiu após a observação do sucesso da festa do porco no rolete, realizada no município de Toledo:

Tudo começou com base no porco no rolete, que foi em Toledo, depois foi trazido pra Marechal do porco no rolete que também teve uma evolução que no começo foi muito rudimentar depois foi evoluindo foi sofisticando, depois então em cima do porco no rolete foi uma questão até de concorrência marechal acho que devia fazer uma coisa diferente e aí veio o boi no rolete, o boi no rolete também no começo também não, até achar um ponto bom em que se encontra hoje levou uns 3, 4 anos²

Estas festas têm dois pontos contraditórios para a atração do público externo, sendo a questão da tipicidade muito presente no discurso, que pelo que aparece nos

² Entrevista com Anísio diretor de assuntos comunitários da prefeitura de Marechal Cândido Rondon realizada pelo autor no dia 11/07/2006

relatos e manchetes de jornal relata a imparidade ou no preparo ou na forma de servir o prato, e ao mesmo tempo

O outro mote é o exotismo que esse apresenta num porco assado inteiro, ou um boi, assim como temos na região o Dourado assado no carrossel em Itaipulândia ou no estado o carneiro no buraco em Campo Mourão.

Para analisar as festas do interior de Marechal Cândido Rondon o primeiro passo na pesquisa foi buscar no O Presente, Jornal local reportagens sobre estas festas, através do jornal foi também possível perceber o uso político que se fazia dessas manifestações, pois estas passavam por um processo de oficialização, onde eram avaliadas e então integradas ao calendário municipal de eventos, e tal apresentação só poderia ser feita por projeto de um vereador, comumente um vereador que fosse da comunidade ou de uma comunidade próxima

Fui então procurar saber mais sobre este processo que me foi explicado também na entrevista com Anísio ele me explicou como funcionava esse procedimento:

Funciona da seguinte forma, a comunidade tem que fazer uma demonstração, para fazer, é feito uma degustação, e se nesta degustação for constatado que é um prato que realmente seja um prato diferente que já não existe no município e que tem potencial de ser aceito pela população. Então algum vereador entra com projeto na câmara para que seja aprovado e oficializado este prato típico, alguns fazem ainda na fase experimental vão fazendo alguns pratos e vão experimentando, e ainda não definiram bem um prato, prato típico estão na fase de experiência. Mas a grande maioria já tem seu prato típico oficializado e já realizam eventos há vários anos sempre com excelentes resultados tanto na parte de participação como na parte financeira de lucros também que é também o objetivo, a integração a divulgação das coisas da comunidade das tradições, e também em cima disso almeja um lucro para que as comunidades possam se estruturar³

As festas para serem integradas ao calendário deveriam demonstrar “as tradições da comunidade” e também deveriam obter lucro nesse período de teste caso contrario

³ Entrevista com Anísio diretor de assuntos comunitários da prefeitura de Marechal Cândido Rondon realizada pelo autor no dia 11/07/2006

não entrariam para o quadro oficial. As festas das comunidades porem apresentam uma grande diversidade aproveitando todas as brechas da regulamentação.

As festas eram mais numerosas do que imaginei, acabei optando por aprofundar a pesquisa na festa da Czarina. A festa tem como mote principal a cultura polonesa e o prato da Czarina, uma sopa à base de pato.

O festejo traz com sigilo o mote da identidade polonesa no interior da “cidade mais germânica do estado”, visto que na região não é inexistente esse tipo de manifestação, mas um tanto raro se compararmos com reivindicações de outras etnias como italiana e alemã, as demais festas em maior parte trazem a questão do gauchismo e da identidade italiana.

Pelos jornais foi possível ver que a festa apesar de pequena atraia um bom público da cidade e de cidades próximas que se identificavam com o mote, os clubes de poloneses que tem uma maior projeção nas cidades onde são sediados, como exemplo cidade onde morava, Quedas do Iguaçu no sudoeste do estado que em algumas edições participou da festa.

Fui a comunidade algumas vezes e logo fui encaminhado a conversar com seu Sergio Suski, ele foi indicado por ter sido presidente da associação de moradores no ano em que ocorreu o processo de reconhecimento do evento, e por ser pai do idealizador do evento que não morava mais na localidade por ter saído para estudos.

Optei aqui por trabalhar com as entrevistas realizadas com ele e sua esposa dona Amélia, pois foram as duas primeiras e apresentam em comum o fato de falarem sempre como organizadores. Tive alguns encontros prévios com o casal em sua residência, onde fui muito bem recebido, e os entrevistei em datas separadas e em locais diferentes escolhidos por eles.

Com Sergio o dia que podíamos conversar era sábado dia que ele se dava folga do trabalho no campo, e o local escolhido foi a associação de moradores, no dia e local me dirigi para lá onde acontecia um animado jogo de bocha, meu entrevistado era um dos jogadores, terminada a sua partida ele veio para começarmos uma conversa enquanto ao fundo continuavam a jogar.

O fato de Sergio ter me recebido no centro comunitário, não me pareceu um simples detalhe, pois ali é o local onde se realiza a festa, o local de encontro da

comunidade e ele com esse ato demonstram o retorno que a festa traz a comunidade, e o jogo de bocha demonstra como este espaço tem um uso.

Comecei as entrevista seguindo avidamente meus roteiros, que me ajudaram a descobrir que como a maior parte da população desta localidade ele veio morar ali no final da década de 1960, mas diferente da memória do centro da cidade, eles não vieram dos outros estados do sul do país e sim do centro oeste do estado do Paraná.

A primeira entrevista foi feita com o marido e nas primeiras perguntas já foi deixado desprevenido, no momento em que perguntei sobre o prato da festa e do que se tratava a resposta foi a seguinte:

O prato típico, típico é a czarina que é a sopa de pato, pirogue doce e salgado, pastel de requeijão é o pirogue né e o macarrão, batata doce, arroz, ai vem muitos, muitos é arroz, bolinho de carne, pirogue, torresmo, frango assado e recheado, pato assado e recheado, churrasco de gado e de porco ou suíno tanto faz, cucas caseiras, bolos salgados, repolho em conserva, chuchu em conserva, beterraba em conserva, cenoura em conserva, pimentão entre outros, são vinte e dois pratos que nós temos hoje, a base de servir no nosso almoço típico polonês⁴.

A resposta contrariou a minha expectativa, pois para ele a festa não se resume, ao prato principal, mas sim o cardápio como um todo, mas posteriormente fui saber que esse cardápio sofre uma adaptação que buscou a participação maior por parte da comunidade.

Essa elucidação vai me aparecer na entrevista realizada com sua esposa, que marcou a entrevista na segunda feira a tarde, segundo ela poderia ser um dia durante a semana a tarde que assim ela já teria vencido suas funções que se iniciavam no raiar do dia.

O complemento da resposta de seu Sergio veio quando perguntei sobre como era a participação da comunidade como um todo

Ajudam e vão na festa igual e comem igual também (risos). Ah! Digamos assim a sopa que é a czarina ele na realidade, na nossa comunidade ele foi, assim que não deveria de ser né o prato principal, é um prato que faz parte da

⁴ Entrevista com Sergio Suskie realizada pelo autor em 15/07/ 2006

feira, mas não sei como é que pego isso ali, que dizem que o prato principal é a czarina, porque nós temos muitos outros pratos, então quem não gosta do prato, da czarina ele tem muita opção de outro tipo de prato pra se servir, não é necessariamente ele gostar da czarina pra vir na festa, pra dizer assim que eu vou lá, vou ter que comer isso, então não vale a pena eu pagar caro numa ficha, numa coisa assim, porque ele não gosta desse prato, ele tem opções de muitos outros pratos, como já foi divulgado né.⁵

A Fala de dona Amélia demonstra que houve ali uma negociação do cardápio da festa, pois a festa conta com mais de vinte pratos dos quais representam uma emaranhado cultural, mas na oficialidade esta é uma festa polonesa, mas quando perguntada sobre a participação da comunidade local ela vai falar dos outros pratos, que eles existem e são divulgados para que os membros da comunidade local e externa venham, mesmo não gostando do prato principal a sopa de pato

Uma negociação que não pude saber ao certo se era com as exigências do planejamento publico, que preza por festas que remetam a uma “identificação com alguma cultura” ou com a própria comunidade, que busca na festa um espaço de sociabilidade.

Já no que diz respeito construção da festa como uma celebração da cultura polonesa existe uma boa estruturação para a comunidade externa, tornando-se um ponto de encontro para grupos identificados com essa temática, pois a festa tem uma divulgação e um receptividade grande da comunidade polonesa dentro do estado

Na realidade quem veio mais são os poloneses, escutam na radio, ou leiam no jornal, que é divulgada no jornal e ai começam ligar reservando ficha, porque não consegue comprar, mas reserva a ficha antecipada.

Assim qual que é a, tipo, qual a perspectiva pro ano que vem, assim, tipo, vem mais gente da comunidade, mais gente de fora, como é que é?

A perspectiva é sempre a mesma, sempre, a gente espera pessoas de fora e a comunidade assim participante.

Quando Sergio fala do jornal, se refere a um jornal regional que circula apenas em língua polonesa. Essa inserção demonstra como há uma repercussão dentro dessa comunidade e como o grupo receptor e organizador da festa se preocupa com essa

⁵ Entrevista realizada pelo autor com Amélia Suski dia 31/07/2006

interação, quando são feitas festas polonesas em municípios próximos se há possibilidade é constituída uma comissão de Campos Sales para participar

Essa troca de conhecimentos é muito interessante, pois alguns dos pratos poloneses servidos pela comunidade rondonense são de receitas trocadas com outros grupos, assim como alguns dos símbolos presentes na divulgação da festa, outra possibilidade de troca é a de visita, aonde delegações de outras localidades vem, e em alguns casos trazendo seus grupos de dança, esse o caso citado por Sergio da visita do grupo de Entre Rios, uma cidade vizinha.

É interessante que essa questão esta diretamente envolvida com um pouco da idéia do evento desta comunidade nos remete para dois processo muito comuns aos dias que vivemos, ligados ao processo de globalização e ao embate que cria e negocia fronteiras e identidades com uma mobilidade muito grande.

Assim como a festa alemã do centro existe nesta festa uma alegação de uma perda da cultura ancestral

E essa idéia de fazer uma, uma festa polonesa, ela vem assim, pra trazer de novo um pouco da cultura que já tava esquecida, vem pra... Eu acho que, assim pra tentar manter ainda o que, o que existia né, no passado, então pra tentar ao menos manter pra não esquecer totalmente, porque não sei se pra aperfeiçoar muito se dar porque esses da meia idade que tão ali, que tão promovendo isso ali, já tão ficando mais velhos e os novos eu não sei qual vai ser a reação, se eles vão depois quere , ir, aperfeiçoando e continuando ou não. Agente não sabe como é que vai ficar depois, por enquanto existir esse pessoal ai a intenção é de continuar, pelo menos como ta ou melhorar até se possível né.

Nessa fala de Amélia ela apresenta a festa como um instrumento de recuperação de uma cultura, uma cultura móvel, capaz de alcançar um aperfeiçoamento, que seria uma maior proximidade com a imagem de uma festa polonesa que ela tem em mente, o momento em que ela fala da preservação do que ainda existe se refere a culinária, pois segundo ela os outros elementos, como a língua, os bordados que representam um estereotipo de tal cultura não foi interesse dos jovens aprenderem

A participação dos moradores locais é estimulada também pela divisão dos lucros porem para uma integração da comunidade, que trabalha junto para obter o lucro que se reverte para eles próprios

A arrecadação Fica pra associação e pra igreja ali que é uma associação só e junto, mas é rachado, na realidade sempre tinha mais entidades participantes, era futebol, era clube de mães, clube de damas e agora esse ano daqui pra frente é pra ser da comunidade só.

Haveria outras formas destas instituições se financiarem, mas se unem em uma associação formada por moradores que reivindicam a identidade polonesa, italiana e alemã, mas que a exemplo do centro constroem um produto.com a festa étnica, mas com negociações para que se torne interesse de todos.

Trazendo assim outro aspecto da festa é a simples união dos vizinhos, um movimento contrario a individualização do ser como afirma Manuel Castells, em O poder da identidade, ao dizer "as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença" (CASTELLS, 2002,)

A festa é um lugar de sociabilidade como descreve Amélia “festa vai pra se divertir, pra passar um dia diferente”, ela e seu marido fazem o esforço de tentar demonstrar como a festa é produzida pelos próprios membros da comunidade, quando pergunto da finalidade da festa Sergio diz “integrar a comunidade, chamar o pessoal de fora, incentivar e visar lucro”.

Estes últimos elementos, onde foi possível perceber a o momento em que a festa se desapega do mote étnico promotor, e apresenta o elemento do “dia diferente” de dona Amélia, e da integração para seu Sergio, quando vem pessoas de fora visitar a comunidade e a todos os vizinhos se reúnem para ele mesmo produzirem a festa da organização a cozinha, uma fala que expõem a sensibilidade com que é tratado o evento não seria capaz de ser percebido por outra fonte.

Apresentando assim as diferentes formas de se identificar com a festa, seja pela questão étnica, pela questão comunitária, pelos rendimentos revertidos as associações ou pelo simples desejo de experimentar o exótico prato, esses elementos são todos parte do desenvolvimento da festividade.

Essa experiência no meu inicio de trabalho como pesquisador de história pude ver quão complexo e ao mesmo tempo grande a contribuição do trato com as fontes orais e como é importante dar a voz aos agentes da ação, e analisar a construção que é feita por eles e pelas demais falas sobre a temática.

Bibliografia

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss B. Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COSTA, Antonio Firmino. Identidades culturais urbanas em época de globalização. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Fev 2002, vol.17, n. 48, p.15-30. Anais

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Ed UFRJ-2002

HARTOG, Francois. Régimes d'historicité : Présentisme et expériences du temps, Paris, Editions du Seuil, 2003.

STEIN, Marcos Nestor. A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1948-1996). Florianópolis, 2000. 183 f. dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina